

Moção A

Organizar e unir: o Socialismo construir

1. Introdução

Chegados a 2021, como jovens, estamos a viver um conjunto de crises. Há cerca de dez anos, assistimos à perda de emprego, de rendimentos e de condições de vida de familiares. Disseram-nos que era melhor emigrar e que a precariedade estava à porta, até para quem tinha um curso superior. A força do Bloco impôs-se às políticas austeritárias da direita e permitiu a recuperação de rendimentos, assim como travar o ciclo de empobrecimento. Hoje, vivemos uma enorme crise: económica, social, climática e pandémica. A precariedade tornou-se regra, em particular para os jovens, especialmente afetados pelos trabalhos sem contrato, recibos verdes ou pela exploração das plataformas digitais. Ao mesmo tempo, por todo o país, a especulação imobiliária coloca os interesses do capital acima do direito à habitação. Estudantes deslocados têm na habitação a maior fatia do seu orçamento, com quartos que, em Lisboa, podem chegar aos 400€ por mês. Simultaneamente, a saída da casa dos pais vai-se adiando e a possibilidade de comprar uma casa torna-se numa realidade cada vez mais longínqua. Não é tudo: cientistas dizem-nos que temos cerca de 7 anos para travar os efeitos das alterações climáticas antes que se tornem irreversíveis. Lutar por uma transição energética que nos garanta um futuro sustentável, possível e digno é o único caminho que garante uma vida digna para todos e todas no nosso planeta. Somos também jovens que não aceitam a discriminação e a exclusão, queremos ser quem somos. Por isso, estamos na luta feminista, contra o flagelo da violência de género, por salário igual para trabalho igual, contra o assédio e a violência sexual e por um mundo igual. Não toleramos a violência e o preconceito LGBTIfóbicos nas nossas ruas, escolas, universidades e locais de trabalho. Queremos igualmente estar na linha da frente da luta contra o racismo e a xenofobia, pela descolonização dos currículos, mentes e sociedade e por um país onde a exclusão social deixe de ser regra para tantas pessoas racializadas.

Como jovens socialistas, anticapitalistas, feministas, LGBTI e antirracistas, sabemos que estamos do lado certo da história. Estamos do lado de quem vive do seu trabalho, das e dos que são discriminadas, violentadas e oprimidas por um sistema que serve o capital e não as pessoas. Apresentamo-nos a esta Conferência de Jovens do Bloco de Esquerda, com força e energia para construir um programa que organize e dinamize jovens de todo o país e que construa caminho para um mundo mais justo e igual.

2. Organização de Jovens do Bloco de Esquerda

Os Jovens do Bloco de Esquerda rejeitam a lógica das juventudes partidárias e o acantonamento de jovens. Somos um grupo setorial dentro do partido, plenamente integrado em todas as suas lutas e vida democrática. Organizamo-nos tanto a nível distrital como nacional, podendo existir grupos de jovens concelhios. Aderentes até aos 26 anos (inclusive) podem escolher participar nas reuniões e atividades dos Jovens do Bloco. A Coordenadora Nacional de Jovens tem um papel de coordenação nacional, dialogando com os grupos de jovens de todo o país e servindo como plataforma para a multiplicação de eventos por todo o país, devendo também estar ligada aos movimentos sociais e participar em lutas de diferentes âmbitos, fomentando a plena integração de jovens no Bloco de Esquerda.

Como anticapitalistas, sabemos que a organização é uma ferramenta fundamental para alcançar a transformação social e política pela qual lutamos. A coesão de grupo é fulcral para ampliar a capacidade de disputa no campo social, para combater as forças hegemónicas que tanto anseiam a fragmentação da esquerda. Queremos reforçar a organização dos e das Jovens do Bloco, de modo a chegar a um universo cada vez maior de pessoas e ter a capacidade de integrar as e os recentes aderentes que se querem juntar à luta. Por isso, propomo-nos a fortalecer a nossa organização, melhorar a dinamização e descentralização de atividades e intensificar a nossa intervenção. Deste modo, propomos criar mais grupos de jovens pelo país e descentralizar a nossa atividade, chegando também às regiões e universidades do interior.

O recrutamento é fulcral para a manutenção da estrutura dos e das Jovens do Bloco, tal como para a sua expansão e maior capacidade de disputa nas ruas. Isto significa que deve haver um plano comunicacional que transmita regularmente as atividades dinamizadas e os modos como as pessoas interessadas se podem envolver nos processos organizativos. Uma das funções da CNJ tem de passar por articular páginas de redes sociais inclusivas, de rápida resposta e capacidade de articulação a nível nacional. Deve igualmente ser feito um esforço de adaptação às novas formas de comunicação, instrumentalizando-as para a luta política.

A capacidade de atrair mais jovens para a estrutura partidária deve sempre envolver um universo bloquista que esteja disposto e preparado para as receber. Para tal, devem existir elementos da CNJ que assumam e cumpram esta função, direcionando jovens para as concelhias e atividades das suas localidades. Também se deve procurar dar a conhecer camaradas que operem nos mesmos estabelecimentos que militantes que acabam de chegar. Devem ser explícitas as formas de envolvimento nos Jovens do Bloco, que devem considerar a criação de formas de participação e colaboração de aderentes recentes. No mesmo sentido, deve haver um *kit* de boas-vindas - que pode incluir bibliografia recomendada e outro

material que a CNJ considera relevante, com o intuito de projetar um sentido de pertença a recém-aderentes. Também é da competência da CNJ garantir que todos os jovens recebem este material aquando da sua entrada no partido.

Cada local apresenta as suas próprias especificidades, sendo as regiões autónomas o seu expoente. Dada a sua realidade, considera-se importante reconhecer a necessidade de se formar uma Coordenadora Regional de Jovens em cada uma das regiões, com um funcionamento semelhante à CNJ, mas no respectivo âmbito geográfico e com uma conferência ajustada às suas possibilidades. Não sendo estas CRJ uma dependência da CNJ, a relação entre estas três estruturas é de extrema importância para que haja uma coesão territorial entre jovens de todo o país.

A CNJ, como órgão democraticamente eleito, deve primar pelo funcionamento democrático. Assim sendo, propomos a elaboração de um regulamento que permita estabelecer o mandato, as funções e o funcionamento da estrutura, que possa ser consultado por todas as pessoas aderentes do Bloco de Esquerda. Este, além de garantir o melhor funcionamento do órgão, servirá para estruturar e agilizar as relações dos Jovens do Bloco com os outros órgãos e grupos setoriais do partido. Procurar-se-ia definir a responsabilidade organizativa com o diálogo com os múltiplos grupos locais, ampliando a sua capacidade de disputa. Simultaneamente, iremos eleger um Secretariado da CNJ, de modo a agilizar a reflexão e intervenção política do órgão.

3. Organização estudantil e candidaturas académicas

As conquistas de Abril vieram refletir-se nos movimentos estudantis e na devida organização de estudantes para a construção de um ensino mais livre, mais igual e mais democrático. Outrora propositadamente ignorados e afastados das lutas, os movimentos estudantis demonstram hoje a sua importância na construção de uma comunidade de estudantes bem organizada pela proteção e aprofundamento dos seus direitos.

A CNJ do Bloco deve ser a ponte que liga jovens a núcleos e organizações de escolas e faculdades e, posteriormente, às organizações concelhias e distritais, para que estas possam apoiar e ajudar os núcleos de estudantes e as suas devidas candidaturas aos órgãos associativos estudantis, primando pela formação de listas que unam militantes na construção

de uma agenda programática. A participação e criação de listas concorrentes aos órgãos associativos estudantis e de núcleos não deve ser uma tarefa exclusiva dos e das aderentes que estudam num determinado estabelecimento de ensino. Acreditamos que a CNJ deve auxiliar a criação e desenvolvimento dos vários núcleos. Para tal, propomos a criação de um grupo de apoio, com documentos e materiais direcionados aos e às jovens, que expliquem as funções de cada um dos órgãos e permitam esclarecer dúvidas, para que estes se possam organizar nos vários estabelecimentos de ensino e para que se promova uma participação mais alargada da esquerda em espaços estudantis.

A comunidade estudantil desempenha também um papel fulcral no combate ao fascismo, ao sexismo, ao racismo, à homofobia, à transfobia e a qualquer tipo de discriminação dentro das nossas instituições. Os espaços onde nos integramos devem ser livres de qualquer tipo de preconceito. Devem ser um espaço de aprendizagem e debate democrático, com base na liberdade, na democracia, na igualdade e na interseccionalidade. Queremos que as e os estudantes tenham lugar de fala e de luta na desconstrução de discursos conservadores nas nossas escolas ou universidades, criando espaços onde existam direitos iguais para todas as pessoas, independentemente do seu género, classe, etnia ou orientação sexual. O movimento estudantil que nos representa é amplo, participativo e democrático.

4. Movimento Social e Ativismo

Há muita luta por ser feita nas ruas. O desmembramento dos coletivos, movimentos e da militância de base é um sintoma grave dos efeitos secundários prolongados das políticas neoliberais, que nos afastam e nos quebram num progressivo individualismo. O Bloco de Esquerda enfrenta o desafio de, ao mesmo tempo que celebra e reforça a sua presença institucional, não perder o foco da grande importância que tem a organização militante na luta social e a formação de fortes redes ativistas. A organização dos Jovens do Bloco é um importante grupo mobilizador que deve ajudar nesta tarefa, devendo o Bloco de Esquerda apoiar os movimentos, para que estes ganhem força e consigam visibilizar as suas bandeiras. São várias as causas que motivam os Jovens do Bloco na sua ação política.

Luta estudantil

O movimento estudantil é, historicamente, um impulsionador das mais diversas reivindicações, criador de grandes oportunidades para um movimento social organizado que se bate por muitas lutas.

Luta pela habitação

É igualmente necessária a luta pelo direito à habitação, visto que as políticas neoliberais têm continuado a empurrar as populações para a periferia, negando-nos o direito à cidade e aos seus serviços.

Luta climática

A luta climática será determinante para o futuro da nossa sociedade. São várias as comunidades que já estão a ser afetadas por esta crise. É nosso dever garantir uma transição urgente, rápida e justa para as pessoas, de forma a garantir a nossa sobrevivência.

Luta feminista

A agenda feminista deverá, igualmente, enquadrar-se no centro das preocupações dos e das jovens, já que, têm sob sua responsabilidade o combate ao patriarcado e machismo estruturais que ainda nos assolam quotidianamente. Se queremos vidas mais justas para todas, não podemos baixar os braços. É tempo de agir, de lutar e inverter o ciclo vicioso onde ser homem é um privilégio.

Luta LGBTQI+

Mais do que nunca é essencial continuar a participar nas Marchas e movimentos da comunidade LGBTQI+, combatendo as muitas discriminações que ainda enfrenta e lutando pela sua inclusão, não apenas na lei, mas também na sociedade.

Luta antirracista

O racismo está embrenhado em todas as nossas estruturas sociais. Combater a ideologia que determina as relações sociais de forma tão desigual, garantir os direitos de imigrantes e criar condições para descolonizar a sociedade é uma luta que não abdicamos de fazer.

Luta sindical

Enquanto jovens, fazemos parte de uma geração em que a precariedade é inerente à nossa existência. É fundamental que nos envolvamos no mundo sindical, lutando por salários dignos e melhores condições laborais, reivindicando os nossos direitos.

O nosso envolvimento no movimento social deve primar com uma participação ativa, contribuindo para a construção de movimentos que não deixem nada nem ninguém para trás, apoiando as suas lutas e reivindicações e combatendo injustiças e discriminações, seja a nível socioeconómico, laboral ou estudantil. Lutamos e lutaremos sempre ao lado de quem reivindica os seus direitos, bem como por quem não tem possibilidade para o fazer. A nossa luta é a luta pela transformação social, em busca de uma realidade mais justa, mais solidária e mais inclusiva. É nosso dever fazer parte desta luta.

Sabemos que estas lutas se cruzam em tantos pontos e que estas intersecções são cruciais para aumentar o antagonismo com o sistema capitalista. Esta conjuntura sócio-económica continua a colocar as nossas vidas em risco, ameaçando o nosso presente e o nosso futuro. Os Jovens do Bloco comprometem-se politicamente com todas estas lutas, tão solidárias entre si, e reconhecem o movimento social enquanto uma força anticapitalista e revolucionária, capaz de mudar relações sociais, aliando a representação institucional com a intervenção de base e mobilização popular. Estamos presentes enquanto militantes de base, não deixando ninguém para trás: queremos fazer a luta toda junta, dentro e fora do partido.

5. Comunicação

A Comunicação é um dos eixos primordiais da organização dos Jovens do Bloco. É essencial que a CNJ tenha um papel preponderante, não apenas na comunicação interna, mas também na ação externa. Através deste meio, é possível unir e integrar recém-aderentes, assim como chegar a jovens, dos mais variados pontos do país, que queiram fazer a luta connosco.

Comunicação Interna

A CNJ deve ser responsável por uma política de aproximação e integração de jovens recém-aderentes, contactando-os e informando-os sobre as diferentes estruturas e formas de organização no partido, não deixando que este processo fique apenas nas mãos das Coordenadoras Concelhias e/ou Distritais. Propomos que esta apresentação seja apoiada por

um documento de boas-vindas, simples e acessível, distribuído a todas as novas pessoas aderentes.

Além disso, é essencial que todas e todos os jovens sejam mantidos a par das atividades da CNJ e dos vários Grupos de Jovens através de uma newsletter regular. De forma a incentivar a participação nos eventos em todo o país, propomos a criação de um calendário online de iniciativas, coordenado pela CNJ, de forma a evitar sobreposição de iniciativas, recolhendo necessidades logísticas e ajudando a definir a linha política das atividades. Ademais, a CNJ deve articular com os Grupos de Jovens de todo o país, de modo a criar sinergias que garantam uma comunicação mais fluída e que ninguém fique excluído da informação, eliminando obstáculos que possam impedir uma militância mais alargada.

Comunicação Externa

É essencial que a organização de Jovens do Bloco dialogue com militantes, prestando o apoio necessário aos Grupos de Jovens, bem como seja capaz de utilizar as ferramentas que dispõe para chegar a mais jovens, divulgando as ideias e propostas do Bloco.

Num mundo cada vez mais digitalizado, em que o acesso à informação é mais fácil, mas também mais imediato, é necessário que utilizemos as nossas redes sociais de forma mais eficaz. As plataformas mediáticas de Jovens do Bloco devem servir para comunicar atempadamente as iniciativas que ocorram a nível nacional, distrital ou até concelhio, chegando a todas as pessoas interessadas em participar; para a exposição de rubricas temáticas; para a divulgação de propostas, e ideias que o Bloco e a CNJ têm na sua agenda. Ainda assim, a Comunicação da organização dos Jovens do Bloco não pode ser meramente digital. É necessária a criação e execução de Campanhas Nacionais, com a divulgação de material, impresso e em formato digital, junto de jovens, sobre as lutas que construímos e os temas que marcam a atualidade, propondo uma reflexão e expondo as propostas do Bloco.

6. Pão e Cravos

O Pão e Cravos é o jornal de Jovens do Bloco de Esquerda, sendo uma ferramenta essencial para a disputa política. Por um lado, para fazer chegar as lutas e propostas bloquistas a cada vez mais pessoas e, por outro, como forma de aprofundar os nossos debates e reflexões sobre os combates que travamos. O jornal permite-nos chegar a pessoas a que não chegaríamos de outra forma, pondo-as em contacto com as nossas ideias e propostas. Simultaneamente, é uma

forma de reforçar a militância dos Jovens do Bloco, procurando envolver o máximo de pessoas no trabalho de elaboração do jornal. Simultaneamente, contendo artigos de fundo sobre as propostas e ideias do Bloco de Esquerda, para uma melhor compreensão das mesmas, o Pão e Cravos contribuirá para a formação política de militantes bloquistas.

Assim, considerando que o Pão e Cravos é um instrumento de disputa e transformação política, propomo-nos a reformulá-lo, de modo a aumentar a sua capacidade de intervenção política. O Pão e Cravos passará a ser um jornal digital (com o seu próprio website) onde, mensalmente, serão publicados artigos, ensaios, críticas culturais e entrevistas. O novo grupo editorial será indicado pela CNJ e deverá ser alargado e representar um grupo plural, com jovens de diferentes ativismos, ciclos de estudos e geografias. Simultaneamente, procuraremos criar redes sociais próprias do Pão e Cravos onde serão divulgados todos os conteúdos do jornal.

O Pão e Cravos deve chegar a todos e todas as Jovens do Bloco e contar com a sua participação. Por isso, consideramos importante abrir, de dois em dois meses, um *call for papers*, permitindo que militantes possam submeter os seus textos a publicação se assim o desejarem.

7. Campanhas Nacionais

Enquanto órgão de direção nacional dos e das Jovens do Bloco de Esquerda cabe à CNJ a tarefa de mobilizar e organizar jovens do partido em torno de campanhas que, construídas coletivamente e a partir de contributos locais, devem assumir um âmbito nacional. Envolvendo todas as pessoas jovens do partido, as campanhas nacionais são instrumento central na luta travada pelo Bloco de Esquerda.

Partindo da reflexão presente nesta moção de orientação política, estas campanhas deverão servir como momento privilegiado para a divulgação de propostas do Bloco, bem como para o enraizamento da organização de Jovens do Bloco de Esquerda em escolas, faculdades, locais de trabalho e outros espaços, podendo ainda servir propósitos de formação política e de integração de mais camaradas.

Em torno de temas e objetivos mais concretos como a luta contra as propinas no Ensino Superior ou dedicadas a temáticas mais abrangentes, as campanhas nacionais podem e devem assumir diferentes formas, adaptando-se às características e aos contributos da organização de Jovens do Bloco nos diferentes pontos do país. Assente em distribuições de panfletos ou na

realização de eventos em diferentes locais, cabe à CNJ a produção, o assegurar da distribuição pelo país destes materiais e, partilhando responsabilidades com os grupos de jovens locais, a realização destas atividades.

Temos como uma prioridade o comprometimento com a campanha nacional do Inquiet'ação, que tem como mote popularizar a luta antifascista e responder ao crescimento da extrema direita no contexto nacional. Sabemos que não podemos ignorar esta crise social e que é nosso dever organizar esta resposta política.

Entre outras prioridades destacamos a importância da realização de uma campanha nacional virada para estudantes do Ensino Secundário acompanhada pela elaboração de um novo panfleto com as propostas do Bloco; do prosseguimento de campanhas viradas para o recrutamento e integração de recém-aderentes; do retomar de ideias como o Guia de Direitos Laborais como ferramenta em campanhas contra a precariedade laboral.

8. Formação Política

Na sociedade em que vivemos, as lógicas de exploração capitalista assumem um papel culturalmente hegemónico e fazem-se passar como parte da natureza humana. A formação política, por outro lado, deve constituir um instrumento valioso na disputa cultural e na luta antifascista, servindo de antídoto para essas narrativas e potencializando a intervenção política de jovens.

Anualmente (à exceção dos anos de 2020 e 2021 por motivos pandémicos), a CNJ organiza dois grandes momentos de formação política: O Inconformação e o Acampamento Liberdade. Estes representam espaços de debate e de plenário onde aprofundamos o nosso pensamento político e preparamos estratégias de luta. Propomo-nos a dar continuidade a estes eventos, realizando-os anualmente e procurando que cheguem a cada vez mais pessoas. Também nos comprometemos a auscultar as necessidades formativas dos diversos grupos a nível nacional, através da criação de um formulário que permita aferir os temas de maior interesse.

Para além dos grandes eventos organizados pela CNJ e referidos no parágrafo anterior, é importante que sejam criados momentos de formação mais pequenos e mais regulares para jovens de todas as zonas do país. Nesse sentido, a CNJ deve ser responsável por preparar e disponibilizar materiais de discussão, como por exemplo textos e pequenos documentários, alusivos a temas variados e que possam ser facilmente utilizados por grupos de jovens que pretendam organizar eventos de formação sem grande necessidade de preparação prévia. Simultaneamente, deverá manter um calendário de iniciativas, que permita avaliar a frequência e dispersão geográfica deste tipo de eventos. Finalmente, procuraremos também

facilitar os convites a oradores da órbita do Bloco de Esquerda e organizar sessões de esclarecimento sobre temas de política corrente, nomeadamente questões relacionadas com a atualidade da política nacional e internacional, tais como o Orçamento do Estado ou legislação europeia, preparando jovens para os debates do dia-a-dia. Estas discussões devem abranger assuntos pertinentes como economia política, crise climática ou descolonização da sociedade portuguesa, criando uma análise coletiva e informada das lutas sociais, preparando a capacidade de transformação da realidade.

9. Propostas:

- Continuar a realizar anualmente o Acampamento Liberdade
- Continuar a realizar anualmente o fim de semana do Inconformação
- Reformular o Pão e Cravos, transformando-o num jornal mensal digital com artigos e reflexões aprofundadas sobre as lutas e propostas dos Jovens do Bloco e com redes sociais próprias
- Abrir *call for papers* para o Pão de Cravos de dois em dois meses
- Elaboração de um Regulamento da Coordenadora Nacional de Jovens
- Organização de um Encontro Internacional de Jovens, convidando delegações internacionais de organizações politicamente próximas, de forma a estimular o debate e a solidariedade internacional
- Co-organização das Brigadas de Verão
- A CNJ deve ter um papel ativo na integração de jovens nas restantes estruturas partidárias - concelhias, grupos de trabalho, etc
- A CNJ irá preparar e disponibilizar materiais de discussão que possam ser facilmente utilizados por grupos de jovens que pretendam organizar eventos de formação política
- Manter um calendário de iniciativas, que permita avaliar a frequência e dispersão geográfica de eventos
- Responsabilizar membros da CNJ pela ligação aos distritos
- Descentralizar iniciativas de modo a valorizar o interior
- Criação do *kit* “Recém-Aderente”
- Realização frequente de iniciativas de formação política
- Criação de um grupo de apoio com documentos e materiais para jovens do Bloco se organizarem nas escolas e faculdades

- Criação das Coordenadoras Regionais
- Formação sobre temáticas LGBTI

10. Conclusão

Somos jovens inconformadas e com vontade de mudar tudo. Sabemos o difícil cenário que teremos de enfrentar com o crescimento das forças que atentam, diariamente e de forma sistémica, contra as nossas vidas. Aprendemos que a indignação não basta para construir lutas e alternativas ao sistema sócio-económico vigente. Por isso, pretendemos com esta CNJ traçar um percurso coletivo que prime pela força do trabalho coletivo e a necessidade de organização e articulação entre os diversos grupos de jovens.

Queremos um Bloco que continue a ser plural, democrático e firme na defesa das suas bandeiras. Queremos construí-lo, lado a lado, através dos caminhos que temos vindo a percorrer nas nossas regiões, nas nossas vidas. Só a partilha das intersecções e do que temos em comum nos permitirá construir uma força de oposição que tenha capacidade de construir o socialismo.

Não aceitamos que nos digam que é impossível e que não vale a pena. Vale sempre a pena. Não há luta que valha tanto a pena como a da igualdade, da defesa dos nossos direitos e das nossas vidas.

A Moção A procura representar todas as pessoas que estão inconformadas, as que querem construir a luta socialista e anticapitalista e organizar jovens para fazer face a um sistema que nos oprime e explora cada vez mais. Vamos à luta!

Lista A

1. Leonor Rosas, 13980, Lisboa
2. Andreia Galvão, 14989, Lisboa
3. Miguel Martins, 13852, Braga
4. Jorge Albuquerque, 14282, Porto
5. Ana Isabel Silva, 13601, Porto
6. Ana Pardal, 14707, Viseu
7. Tomás Marques, 12362, Lisboa
8. Sofia Lopes, 15457, Lisboa
9. Raquel Vitorino, 14734, Lisboa
10. Rodrigo Sousa, 15216, Guarda
11. Paula Serralha, 13470, Setúbal

12. João Bernardo Narciso, 15089, Porto
13. Inês Nabais, 15466, Évora
14. Patrícia Felício, 15274, Porto

Suplentes

1. Beatriz Vieira, 15016, Porto
2. Pedro Amaral, 13254, Açores
3. Catarina Ferraz, 14655, Braga
4. Rodrigo Silva, 15093, Lisboa
5. João Rodrigues, 15297, Faro
6. Beatriz Pedroso, 14261, Lisboa
7. Ernesto Oliveira, 13065, Aveiro
8. Igor Gago, 13748, Faro
9. Mariana Varela, 15036, Santarém
10. Duarte Graça, 12034, Porto
11. André Francisquinho, 14806, Setúbal
12. Maria Francisca Ferreira, 12577, Porto
13. Marta Dias, 14216, Braga
14. Ivo Santos, 15339, Leiria
15. Guilherme Góis, 15245, Lisboa
16. Constança Portela, 11555, Porto
17. Afonso Silva, 15000, Braga
18. Filipe Fernandes, 15341, Lisboa

Representante na COC: Andreia Galvão, 14989, Lisboa

Subscrições

1. Adriana Afonso, 13068, Lisboa
2. Adriana Garcez Martins, 15046, Porto
3. Afonso Silva, 15000, Braga
4. Aliyah Bhikha, 15475, Lisboa
5. Ana Beatriz Fernandes, 15719, Braga
6. Ana Costa Loureiro, 15140, Braga
7. Ana Isabel Silva, 13601, Porto

8. Ana Margarida Silva, 16193, Lisboa
9. Ana Pardal, 14707, Viseu
10. Ana Rita Cardoso, 15653, Porto
11. Ana Rita Durães, 15525, Lisboa
12. André Francisquinho, 14806, Setúbal
13. André Henriques, 15654, Porto
14. Andreia Galvão, 14989, Lisboa
15. António Figueira, 15805, Lisboa
16. António Soares, 14674, Porto
17. António Sousa Soares, 14931, Porto
18. Beatriz Farias, 15079, Castelo Branco
19. Beatriz Pedroso, 14261, Lisboa
20. Beatriz Vieira, 15016, Porto
21. Carlos Roque, 15650, Porto
22. Carolina Almeida, 15744, Lisboa
23. Carolina Fonseca, 16221, Porto
24. Carolina Leite, 13752, Viseu
25. Carolina Monteiro, 15542, Lisboa
26. Carolina Vieira, 12407, Lisboa
27. Carolina Tavares, 15262, Açores
28. Catarina Correia, 16126, Setúbal
29. Catarina Ferraz, 14655, Braga
30. Catarina Mendes, 15840, Lisboa
31. Catarina Rodrigues, 14946, Lisboa
32. Catarina Rodrigues, 15409, Lisboa
33. Cátia Coelho, 15534, Setúbal
34. Constança Portela, 11555, Porto
35. Cristiana Costa, 14807, Setúbal
36. Daniel Borges, 16022, Lisboa
37. Daniela Alves, 15476, Lisboa
38. Daniela Vespeira, 14685, Setúbal
39. David Amorim, 15260, Aveiro
40. David Ferreira, 14221, Lisboa
41. Dino Pereira, 13538, Madeira

42. Diogo Barros, 15007, Braga
43. Duarte Barros, 10351, Aveiro
44. Duarte Graça, 12034, Porto
45. Duarte Igreja, 15445, Lisboa
46. Eduardo Couto, 13387, Aveiro
47. Érica Dias, , Évora
48. Ernesto Oliveira, 13065, Aveiro
49. Filipa Monteiro, 15740, Setúbal
50. Filipe Cruz, 15203, Lisboa
51. Filipe Fernandes, 15341, Lisboa
52. Francisca Matos, 15413, Aveiro
53. Francisca Santos, 15518, Viseu
54. Francisco Gabriel, 15638, Lisboa
55. Frederico Pereira, 15059, Leiria
56. Gonçalo Carvalhal, 15706, Viseu
57. Gonçalo Filipe, 15601, Lisboa
58. Gonçalo Sousa, 15376, Lisboa
59. Guilherme Góis, 15245, Lisboa
60. Hélder Sousa, 15528, Porto
61. Helena Martins, 13600, Porto
62. Hugo Martins, 15560, Braga
63. Iara Sobral, 15150, Lisboa
64. Igor Gago, 13748, Faro
65. Inês Chaves, 15407, Viseu
66. Inês Mendes, 13007, Lisboa
67. Inês Nabais, 15466, Évora
68. Inês Vilão, 15559, Lisboa
69. Ivo Santos, 15339, Leiria
70. Jéssica Vassalo, 15053, Santarém
71. Joana Luz, 16239, Setúbal
72. João Bernardo Narciso, 15089, Porto
73. João Carvalho, 15600, Setúbal
74. João L. Maio, 15668, Lisboa
75. João Marques Canteiro, 15443, Évora

76. João Nunes, 15277, Lisboa
77. João Raposo, 15291, Açores
78. João Rodrigues, 15297, Faro
79. João Sebastião, 15547, Lisboa
80. Jorge Albuquerque, 14282, Porto
81. José Ribeiro, 12748, Aveiro
82. Laura Antunes, 15014, Viseu
83. Leonor Alves, 15015, Porto
84. Leonor Faria, 14932, Porto
85. Leonor Garcia, 15611, Lisboa
86. Leonor Rosas, 13980, Lisboa
87. Luis Figueiredo, 15453, Leiria
88. Luisa Russo, 15997, Porto
89. Luísa Silva Gomes, 10592, Porto
90. Mafalda Escada, 10517, Lisboa
91. Marco Tavares, 13912, Aveiro
92. Margarida Reduto, 15792, Porto
93. Maria Francisca Ferreira, 12577, Porto
94. Maria João Leite, 15934, Leiria
95. Maria Margarida Gomes, 15792, Porto
96. Maria Rui Cunha, 15616, Aveiro
97. Maria Sá, 15772, Viana do Castelo
98. Mariana Martins, 15060, Braga
99. Mariana Ribeiro, 14397, Lisboa
100. Mariana Varela, 15036, Santarém
101. Marília Ribeiro, 15530, Leiria
102. Marta Dias, 14216, Braga
103. Martim Victório, 15903, Açores
104. Matilde Plácido, 15028, Lisboa
105. Matilde Porto, 15642, Setúbal
106. Micaela Gomes, 15786, Braga
107. Miguel Correia, 15764, Porto
108. Miguel Couto, 15636, Açores
109. Miguel Marques, 15105, Setúbal

110. Miguel Martins, 13852, Braga
111. Miguel Santos, 16061, Setúbal
112. Nuno Silva, 14191, Porto
113. Patrícia Abreu Felício, 15274, Porto
114. Paula Serralha, 13470, Setúbal
115. Paulo Oliveira, 7969, Porto
116. Paulo Pinto, 15662, Lisboa
117. Pedro Amaral, 13254, Açores
118. Rafael Batista, 15629, Porto
119. Rafael Medeiros, 15709, Lisboa
120. Rafael Pereira, 15791, Lisboa
121. Raquel Lindner, 15034, Lisboa
122. Raquel Vitorino, 14734, Lisboa
123. Ricardo Caia, 14311, Évora
124. Ricardo Vaz, 15010, Lisboa
125. Rita Madureira, 15707, Évora
126. Rita Pereira, 15594, Açores
127. Rita Ramos, 15682, Porto
128. Rita Sarrico, 11369, Lisboa
129. Rodrigo Conceição, 15276, Lisboa
130. Rodrigo Machado, 14947, Lisboa
131. Rodrigo Silva, 15093, Lisboa
132. Rodrigo Sousa, 15216, Guarda
133. Ruben Matias, 15724, Leiria
134. Sara Nascimento, 15902, Lisboa
135. Sara Rosado, 15644, Setúbal
136. Simão Magalhães, 15370, Aveiro
137. Sofia Lopes, 15457, Lisboa
138. Sónia Cruz, 15683, Lisboa
139. Tainah Monteiro, 15774, Setúbal
140. Tatiana Chaves, 16105, Açores
141. Tatiana Vilas Boas, 15849, Porto
142. Tessa Guimarães, 15613, Porto
143. Tiago Henriques, 15937, Lisboa

144. Tiago Matos, 14220, Porto
145. Tiago Rosas, 16157, Porto
146. Tomás Marques, 12362, Lisboa
147. Tomás Nery, 15004, Aveiro
148. Vasco Ruela, 15373, Lisboa
149. Vera Machado, 15697, Porto
150. Victoria Duarte, 16016, Lisboa